

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

NATIERI ALISSON OLIVEIRA RODRIGUES

**A VARIAÇÃO ENTRE OS SUFIXOS AVALIATIVOS EM PROPAROXÍTONAS:
UMA ANÁLISE DE ESTRUTURA E DE FREQUÊNCIA**

Jaguarão

2025

NATIERI ALISSON OLIVEIRA RODRIGUES

**A VARIAÇÃO ENTRE OS SUFIXOS AVALIATIVOS EM PROPAROXÍTONAS:
UMA ANÁLISE DE ESTRUTURA E DE FREQUÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Camila Witt Ulrich

Jaguarão

2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R696v Rodrigues , Natieri Alisson Oliveira
A variação entre os sufixos avaliativos em proparoxítonas:
uma análise de estrutura e de frequência / Natieri Alisson
Oliveira Rodrigues .
51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LÍNGUA
PORTUGUESA, 2025.

"Orientação: Camila Witt Ulrich " .

1. Proparoxítonas . 2. Sufixos avaliativos . 3. Estrutura
silábica . 4. Frequência lexical. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

NATIERI ALISSON OLIVEIRA RODRIGUES

**A VARIAÇÃO ENTRE OS SUFIXOS AVALIATIVOS EM PROPAROXÍTONAS:
UMA ANÁLISE DE ESTRUTURA E DE FREQUÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 11/12/2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Camila Witt Ulrich
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Gabriela Tornquist Mazzaferro
(UNIPAMPA)

CA-JAG - Folha de Aprovação 1919633 SEI 23100.022089/2025-07 / pg. 1

Profa. Ma. Isabela Prisco Petry
(doutoranda PPGLet/UFRGS)



Assinado eletronicamente por **GABRIELA TORNQUIST MAZZAFERRO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/12/2025, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAMILA WITT ULRICH, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/12/2025, às 07:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISABELA PRISCO PETRY, Usuário Externo**, em 22/12/2025, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1919633** e o código CRC **86BBB513**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

Dedico este trabalho à Natizinha, que não acreditaria em mim se eu dissesse que conseguimos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe por ter sido a única pessoa que despertou em mim a curiosidade e vontade de ingressar em uma universidade. Desde criança admirava seus esforços para manter nossa casa e ainda assim se manter firme nos estudos. Só tenho a agradecer por você ter sido essa mulher extremamente guerreira e esforçada, na mesma proporção em que era puro amor e gentileza. Espero que onde quer que esteja, sinta a minha gratidão por tudo que fez por nós.

Às minhas irmãs Amanda, Giovana e Gisele, que sempre foram uma rede de apoio e me fizeram perceber que eu tinha capacidade quando eu pensava que não conseguiria nem apresentar um seminário, e à pequena Izadora por ser essa criança encantadora que me faz querer ser melhor a cada dia.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Camila Witt Ulrich, não só pela dedicação e paciência durante esta etapa tão importante, como também pelos ensinamentos compartilhados durante as aulas e reuniões na bolsa de pesquisa. Além de tudo, agradeço também por ter me apresentado com tanto amor um universo de fonemas e fonemas, pelos quais me encantei e me trouxeram até aqui.

À Prof^a. Dr^a. Gabriela Tornquist Mazzaferro e à Prof.^a M.^a Isabela Prisco Petry por aceitarem participar da banca do meu trabalho de conclusão de curso.

Aos professores do curso de Letras - Português, em especial a Prof^a, Dr^a. Marcela Wanglon Richter por lecionar com a alma e assim espalhar amor, obrigada por fazer com que o gosto pela literatura permaneça em mim. E à Prof^a, Dr^a. Renata Silveira da Silva que me ensinou lá no início do curso que posso colocar um pouquinho de mim em cada trabalho acadêmico, por mais formal que ele seja.

À Lauren Prestes, psicóloga do Campus, que com todo profissionalismo, cuidado e carinho, me ajudou a voltar a mim mesma e me fez entender que a vida merece ir além dos 23.

Às minhas amigas Déborah e Érika, que, como uma unidade e muito drama, estiveram ao meu lado durante toda a graduação e diversas vezes me puxaram de volta quando meu primeiro pensamento era desistir de tudo. Muito obrigada, meninas, levo vocês comigo aonde quer que eu vá.

Àquele que aguentou de perto meus surtos durante todo processo de escrita do TCC, me fazendo sempre olhar para as situações complicadas com calma e realismo. Obrigada Luis, meu amor.

Agradeço, por fim, a bolsa da Proppi - bolsa de iniciação científica PRO-IC, que junto ao projeto Gramática do Português: teoria, análise e ensino permitiu gerar o TCC.

RESUMO

Neste trabalho tratamos da variação existente entre os sufixos avaliativos -inh- e -zinh- em palavras proparoxítonas (ex. *lâmpada* > *lampadinha* / *lampadazinha*) e temos por objetivo geral investigar o papel da estrutura silábica e da frequência lexical nessas formações a partir de dados do léxico infantil. Sobre a fundamentação teórica, destacamos que, em relação às proparoxítonas, há uma preferência geral por formações com -zinh-, a fim de preservar a estrutura marcada (Bisol, 2010, 2011). A entrada do sufixo -inh-, por outro lado, leva ao apagamento de algum segmento, conforme Bisol (2010, 2011), e por esse motivo é pouco utilizada. Em um estudo anterior (Souza et al., em preparação), realizamos uma pesquisa sobre a frequência dos sufixos -inh- e -zinh- em contextos gerais a partir de dados do banco LexPorBR-Infantil (Estivalet et al., 2019). Após filtrar os dados do banco e classificar as 3577 palavras encontradas de acordo com fatores fonológicos e morfológicos (ex. acento da base, número de sílabas da base, classe morfológica etc.), notamos que, entre as 38 palavras proparoxítonas do corpus, havia uma variação de 50% entre os sufixos avaliativos. Assim, a metodologia utilizada no presente trabalho compreendeu a extração das 38 proparoxítonas encontradas no corpus de diminutivos, as quais foram organizadas e reclassificadas com diferentes colunas referentes à estrutura silábica (ataque 1, núcleo 1, coda 1 etc.) e ao ponto e modo de articulação desses segmentos. Ademais, também criamos uma coluna com a frequência das palavras, a qual o corpus disponibiliza para consulta, buscando, assim, realizar a análise frequencial. Os principais resultados obtidos em relação à estrutura silábica mostram que as 19 proparoxítonas que optam por -zinh- fazem isso para manter a sua estrutura marcada, assim como mencionou Bisol (2010, 2011). Já entre as palavras que recebem -inh-, 14 delas possuem apagamento da vogal terminal (aqui chamada de núcleo 1 - ex: *pássaro* > *passarinho*) e 5 perdem a vogal medial (aqui chamada de núcleo 2 - ex: *xicara* > *xicrinha*), configurando casos de síncope. Assim, nossos resultados revelam que são poucos os casos de síncope; quando -inh- é selecionado pela base, é a vogal temática ou vogal de gênero que é excluída da estrutura. Em relação à frequência lexical das palavras, os resultados obtidos mostram que, dentre as 38 proparoxítonas analisadas, os casos de -inh- representam as palavras mais frequentes do corpus, com números brutos entre 20 e 1499. As proparoxítonas diminutivas formadas com -zinh- apresentam frequência menor e, possivelmente por sua baixa frequência, são mais conservadoras.

Palavras-chave: proparoxítonas; sufixos avaliativos; estrutura silábica; frequência lexical.

RESUMEN

En este trabajo abordamos la variación existente entre los sufijos evaluativos -inh- y -zinh- en palabras esdrújulas (por ejemplo, *lâmpada* > *lampadinha* / *lampadazinha*) y tenemos como objetivo general investigar el papel de la estructura silábica y de la frecuencia léxica en estas formaciones a partir de datos del léxico infantil. Sobre la fundamentación teórica, destacamos que, con relación a las esdrújulas, existe una preferencia general por formaciones con -zinh-, con el fin de preservar la estructura marcada (Bisol, 2010, 2011). La incorporación del sufijo -inh-, por otro lado, conduce a la supresión de algún segmento, según Bisol (2010, 2011), y, por este motivo se utiliza poco. En un estudio anterior (Souza et al., en preparación), realizamos una investigación sobre la frecuencia de los sufijos -inh- y -zinh- en contextos generales a partir de datos de la base LexPorBR-Infantil (Estivalet et al., 2019). Después de filtrar los datos de la base y clasificar las 3577 palabras encontradas de acuerdo con factores fonológicos y morfológicos (p. ej., acento de la base, número de sílabas de la base, clase morfológica, etc.), notamos que, entre las 38 palabras esdrújulas del corpus, existía una variación del 50% entre los sufijos evaluativos. Así, la metodología utilizada en el presente trabajo comprendió la extracción de las 38 esdrújulas encontradas en el corpus de diminutivos, las cuales fueron organizadas y reclasificadas con diferentes columnas relativas a la estructura silábica (ataque 1, núcleo 1, coda 1, etc.) y al punto y modo de articulación de esos segmentos. Además, creamos también una columna con la frecuencia de las palabras, información que el corpus pone a disposición para consulta, con el fin de realizar el análisis frecuencial. Los principales resultados obtenidos en relación con la estructura silábica muestran que las 19 esdrújulas que optan por -zinh- lo hacen para mantener su estructura marcada, tal como mencionó Bisol (2010, 2011). En cuanto a las palabras que reciben -inh-, 14 de ellas presentan supresión de la vocal final (aquí llamada núcleo 1 - p. ej.: *pássaro* > *passarinho*) y 5 pierden la vocal medial (aquí llamada núcleo 2 - p. ej.: *xícara* > *xicrinha*), configurando casos de síncopa. Así, nuestros resultados revelan que los casos de síncopa son pocos; cuando -inh- es seleccionado por la base, se excluye la vocal temática o la vocal de género de la estructura. En relación con la frecuencia léxica de las palabras, los resultados obtenidos muestran que, de las 38 esdrújulas analizadas, los casos con -inh- corresponden a las palabras más frecuentes del corpus, con valores brutos entre 20 y 1499. Las esdrújulas diminutivas formadas con -zinh- presentan una frecuencia menor y, posiblemente debido a su baja frecuencia, son más conservadoras.

Palabras clave: esdrújulas; sufijos valorativos; estructura silábica; frecuencia lexical.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução temporal de palavras criadas em cada século	22
Figura 2 - Apresentação do corpus LexPorBR-Infantil	32
Figura 3 - Consulta online do banco de dados LexPorBR-Infantil	33
Figura 4 - Teoria da Sílabas (Selkirk, 1982)	34
Figura 5 - Parte da planilha de classificação fonológica das sílabas	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição geral de -inh- e -zinh- (N=3577)	25
Gráfico 2 - Distribuição de -inh- e -zinh- por segmento final da base (N=3577)	26
Gráfico 3 - Distribuição de -inh- e -zinh- por vogal átona (N=2935)	27
Gráfico 4 - Distribuição de -inh- e -zinh- por número de sílabas da base (N=3577)	28
Gráfico 5 - Distribuição de -inh- e -zinh- por número de sílabas do produto (N=3577)	29
Gráfico 6 - Distribuição de -inh- e -zinh- por acento da base (N=3577)	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de palavras proparoxítonas analisadas (N=38)	33
Quadro 2 - Distribuição geral de -inh- e -zinh- nas proparoxítonas diminutivas do LexPorBR-Infantil	37
Quadro 3 - Lista de proparoxítonas com -inh- que perdem o núcleo 1	39
Quadro 4 - Lista de proparoxítonas com -inh- que perdem o núcleo 2	39
Quadro 5 - Cruzamento entre modo de articulação do ataque 2 e seleção de -inh- ou -zinh-	40
Quadro 6 - Cruzamento entre modo de articulação do ataque 1 e seleção de -inh- ou -zinh-	42
Quadro 7 - Lista de palavras proparoxítonas analisadas de acordo com a frequência	44
Quadro 8 - Frequência de palavras que alternam entre -inh- e -zinh-	46
Quadro 9 - Cruzamento entre sufixo, segmento apagado e frequência lexical	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DIM	Diminutivo
LexPorBR	Léxico do Português Brasileiro
NA	Não se aplica
N1	Núcleo 1
N2	Núcleo 2
PB	Português Brasileiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 Proparoxítonas: frequência, uso e história	18
2.2 Sufixos avaliativos em proparoxítonas	22
2.3 Estudo prévio	24
3. METODOLOGIA	31
3.1 LexPorBR-Infantil	31
3.2 Seleção e organização dos dados	33
4. RESULTADOS	37
4.1 Distribuição de -inh- e -zinh- nas proparoxítonas analisadas	37
4.2 Análise de estrutura silábica	38
4.3 Análise de frequência lexical	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, pretendemos analisar a variação existente entre os sufixos avaliativos -inh- e -zinh- em palavras proparoxítonas – isto é, aquelas que possuem acento tônico na terceira posição a partir da borda direita (ex. *máquina* > *maquininha* ~ *maquinazinha*).

De modo geral, a escolha entre os sufixos avaliativos -inh- e -zinh- para a formação de avaliativos pode variar dependendo de aspectos morfológicos e fonológicos de cada palavra.¹ Aquelas que são monossílabas, por exemplo, costumam receber -zinh-, mantendo a palavra original intacta, sem ressilabação (ex. *flor* > *florzinha*); já as palavras terminadas em vogais temáticas podem apresentar variação, mas ainda assim recebem -inh- com maior frequência (ex. *antena* > *anteninha*).

Em relação às proparoxítonas, há uma preferência geral por formações com -zinh-, a fim de preservar a estrutura marcada, segundo alguns teóricos (Lee, 1995; Bisol, 2010, 2011). Isso acontece pelo fato de -zinh- ser iniciado por consoante e, ao ser anexado à base, deixá-la intacta, sem apagamentos (ex. *lâmpada* > *(lâmpada)(zinha)*).

Algumas obras sinalizam para uma possível variação entre -inh- e -zinh-, a qual não é amplamente explorada pela literatura e geralmente fornece os mesmos exemplos.

A entrada do sufixo -zinh-, como dito acima, permite a manutenção de todos os segmentos e todas as características da base; a utilização do sufixo -inh-, por outro lado, leva ao apagamento de algum segmento, conforme Bisol (2010, 2011).

(1)	Base	-inh-	-zinh-
a.	<i>lâmpada</i>	* <i>lampdinha</i> , <i>lampadinha</i>	<i>lampadazinha</i>
b.	<i>xícara</i>	<i>xicrinha</i> , * <i>xicarinha</i>	<i>xicarazinha</i>

Em (1a), a palavra *lâmpada* permite a anexação de -inh- após o apagamento da vogal terminal – chamada em nossa análise de núcleo 1 (N1) –, mas não permite

¹ Nossa pesquisa não envolve a discussão sobre -inh- e -zinh- serem dois sufixos diferentes ou alomorfes de um mesmo sufixo.

o apagamento da vogal medial (núcleo 2 - N2), pois geraria uma sequência de consoantes não atestada no português brasileiro. Já em (1b), acontece o oposto: a palavra *xícara* permite a anexação de -inh- junto do processo de síncope, mas não permite o apagamento da vogal final. Em ambos os casos, o sufixo -zinh- é a opção mais conservadora, que garante um comportamento homogêneo das proparoxítonas enquanto classe.

Em um estudo anterior (Souza et al., em preparação), realizamos uma pesquisa sobre a frequência dos sufixos -inh- e -zinh- e para tanto utilizamos o corpus LexPorBR-Infantil (Estivalet et al., 2019) a fim de encontrar palavras no diminutivo no léxico infantil. Após filtrar os dados e classificar as 3577 palavras encontradas, notamos que, entre as 38 palavras proparoxítonas do corpus, havia uma variação de 50% entre os sufixos avaliativos. Visto que a literatura do tema afirma que proparoxítonas utilizam predominantemente o -zinh- para preservar sua estrutura e nosso resultado apresenta uma taxa relativamente alta de variação, decidimos explorar com maior aprofundamento o caso das palavras proparoxítonas desse corpus. Ademais, destacamos que tanto o estudo anterior quanto o presente TCC foram desenvolvidos com o subsídio da bolsa de pesquisa PRO-IC, no projeto Gramática do Português: teoria, análise e ensino.

A questão norteadora que guia este trabalho é “qual é o papel da estrutura silábica e da frequência na variação entre -inh- e -zinh- em proparoxítonas?”. Para o primeiro fator, queremos investigar se há alguma informação relevante nos ataques, núcleos ou codas de sílabas iniciais, mediais ou finais das proparoxítonas que proporcionem maior variação, ou seja, maior uso de -inh- do que a expectativa prevista pela literatura na área. A hipótese é de que -inh- se anexa ao final da palavra proparoxítona, excluindo apenas a vogal final, sem influência do interior da palavra, ou seja, sem processo de síncope. Em relação ao segundo fator, buscamos saber se palavras mais ou menos frequentes se comportam diferentemente em relação à variação, sob a hipótese de que, quanto mais frequente uma palavra se torna, mais ela permite apresentar variação e aceitar a forma alternante -inh-. As hipóteses são baseadas nos poucos exemplos de variação trazidos em notas de rodapé de análises anteriores, bem como na intuição das pesquisadoras ao classificarem os dados no LexPorBR-Infantil.

Para tanto, o objetivo geral do trabalho é investigar o papel da estrutura silábica e da frequência lexical na escolha dos sufixos avaliativos -inh-/-zinh- em proparoxítonas. Como objetivos específicos, destacamos:

- i) classificar as proparoxítonas quanto à estrutura silábica, identificando ataque, núcleo e coda de cada uma das sílabas envolvidas;
- ii) discutir os efeitos da estrutura silábica na variação dos avaliativos;
- iii) classificar as proparoxítonas quanto à frequência, a partir das informações provenientes do LexPorBR-Infantil;
- iv) discutir os efeitos de frequência lexical na variação dos avaliativos.

A estrutura do trabalho se apresenta da seguinte maneira. O capítulo 2 está destinado à apresentação da literatura sobre o tema, onde traremos nomes como Araújo et al. (2008), Bisol (2010, 2011), Souza et al. (em preparação), entre outros. O capítulo está dividido em três seções: 2.1 será exclusiva para aprofundar as características, a história e a frequência das proparoxítonas; 2.2, intitulada sufixos avaliativos em proparoxítonas, tratará da literatura acerca da escolha por -inh- ou -zinh-; 2.3 irá apresentar o estudo prévio realizado pela pesquisadora e parceiras de pesquisa. O capítulo 3 irá apresentar a metodologia e divide-se em duas subseções: 3.1 contextualiza o corpus utilizado para a pesquisa, o LexPorBR-Infantil e 3.2 apresenta a seleção, a filtragem, a organização e a classificação dos dados. O capítulo 4 irá informar os resultados obtidos, sendo dividido em três subseções: 4.1 com vistas à distribuição geral; 4.2 para análise de estrutura silábica; 4.3 para análise de frequência lexical. Por fim, o último capítulo trará nossas considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentaremos os trabalhos que serviram de base para a pesquisa realizada. A seção 2.1 trata de modo geral das palavras proparoxítonas, apontando suas principais características, sua história e sua frequência; já a seção 2.2 aborda trabalhos anteriores que investigaram a distribuição de -inh- e -zinh- em palavras proparoxítonas e seus principais resultados. Por fim, a seção 2.3 apresenta o estudo prévio realizado na bolsa de pesquisa da PRO-IC, no projeto Gramática do Português: teoria, análise e ensino.

2.1 Proparoxítonas: frequência, uso e história

Sobre as características das proparoxítonas, lembramos inicialmente que elas são as palavras nas quais a tonicidade se apresenta na antepenúltima sílaba, ou seja, uma proparoxítona obrigatoriamente terá no mínimo três sílabas. Além disso, elas sempre devem ser acentuadas graficamente, seja com acento agudo (ex. *rótulo*) ou circunflexo (ex. *vômito*).

Antes de mais nada, é necessário informar que a literatura sobre este tema considera as proparoxítonas como “exceções à regra” (Araújo et al., 2008). Em um estudo voltado para observações em relação às proparoxítonas, Araújo et al. (2008) afirmaram que os teóricos costumam reduzir as proparoxítonas apenas a “exceções”, e a respectiva pesquisa apresenta a visão deles sobre este tema, desconstruindo ideias e pensamentos de senso comum acerca das proparoxítonas e de suas características.

Para tanto, os autores salientam que essa ideia surge a partir de alguns argumentos que justificam o pensamento dos teóricos.

Dessa forma, pode-se concluir que a literatura, de uma forma geral, ‘resolve’ a questão das palavras proparoxítonas considerando-as exceções às regras de acento. Os argumentos comumente apresentados baseiam-se, sobretudo, na:

- a) **baixa frequência** absoluta (em relação às não-proparoxítonas);
- b) **síncope** da vogal na sílaba pós-tônica ou **extrametricalidade** da vogal/sílaba final;
- c) **introdução tardia** na língua (século XVI) (Araújo et al., 2008, p. 72, grifos nossos).

Exploraremos a seguir cada um dos argumentos, na ordem em que foram apresentados por Araújo et al. (2008): frequência, possibilidade de síncope, extrametricidade e período de entrada na língua.

O primeiro argumento é de que o tratamento de proparoxítonas como exceção se dá por conta da sua **baixa frequência** na língua. Essa informação tem como base a pesquisa de Viaro e Guimarães-Filho (2007), que coletaram 150.875 palavras pertencentes ao Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e analisaram a distribuição dessas palavras de acordo com a posição do acento. Os resultados revelaram 25% de presença de palavras oxítonas, 62% de paroxítonas e apenas 12% de palavras proparoxítonas. Por esse motivo, alguns teóricos (Bisol, 1992; Lee, 1995) costumam afirmar que as proparoxítonas são formações estranhas ou esdrúxulas ao português brasileiro.

De acordo com Araújo et al. (2008),

a frequência relativa de oxítonas diminui com o aumento do número de sílabas da palavra, ou seja, quanto maior o número de sílabas da palavra, menor a chance de ser oxítona, enquanto para as proparoxítonas ocorre o oposto” (p. 84).

Isto é, com base nas palavras de Araújo et al. (2008), quanto maior uma palavra, mais chances ela tem de se tornar uma proparoxítona (ex. *eletrodoméstico*). Embora Viaro e Guimarães-Filho (2007), na mesma pesquisa reportada no parágrafo anterior, tenham afirmado que as palavras com 4 sílabas constituem a maior parcela do léxico português, são as palavras de 2 a 3 sílabas que parecem constituir o léxico comum ou cotidiano da língua, o que diminuiria a chance de termos proparoxítonas.

Dessa forma, podemos dizer que a baixa frequência desse padrão pode estar ligada ao fato do PB ter preferência por marcar a tonicidade da palavra na penúltima sílaba, ou seja, formar paroxítonas, já que elas não precisam ser palavras extensas. Entretanto, destacamos que, além da quantidade do número de sílabas da palavra, Araújo et al. (2008) mencionam a importância de atentar-se para outra característica das proparoxítonas que pode afetar na frequência: “há ainda outros efeitos, como a data de criação da palavra, que também precisam ser investigados antes de se concluir que o fato da palavra ser proparoxítona influencia de maneira significativa a frequência de uso da palavra ” (p. 85).

O segundo argumento está relacionado a características fonológicas das proparoxítonas. Os autores iniciam a citação mencionando o processo de **síncope** da vogal postônica não final, como em *abóbora* > *abobra*. A síncope é um processo fonológico por supressão, que acontece quando a palavra perde um fonema no seu interior, em posição adjacente ao acento tônico, causando ressilabação a partir da união entre as duas consoantes. Isso acontece devido à forte tendência que algumas proparoxítonas possuem de se transformar em paroxítonas, o padrão preferencial do português. Destacamos que há contextos específicos para que ocorra a síncope; não serão todas as proparoxítonas que poderão se tornar paroxítonas, pois o encontro entre a consoante medial e a consoante mais à direita precisa ser um encontro consonantal bem formado na língua portuguesa. Segundo Araújo et al. (2008, p. 76), “se o elemento a ser ressilabificado é uma consoante /R/ ou /l/ no onset da sílaba final, a ressilabificação formará um onset complexo, desde que o onset da sílaba pós-tônica não-final seja uma oclusiva ou uma labiodental”. Assim, o processo de síncope só ocorre quando a ressilabação é possível; casos que geraram encontros não atestados no português bloqueiam esse processo variável.

(2)	Base	Com síncope	Base	Sem síncope
a.	abóbora	abobra	lâmpada	*lampda
b.	xícara	xicrinha	fábrica	*fabrca

Ou seja, para a síncope acontecer é preciso que a vogal apagada esteja entre duas consoantes que permitem seu acréscimo na mesma sílaba, com a segunda posição sendo ocupada por uma lateral alveolar [l] ou por um tepe alveolar [r], como por exemplo a sequência [bo.re] em *abóbora* que, após a queda da vogal átona, torna-se [bre]; em contrapartida, *lâmpada* jamais se tornaria **lampda*, porque a sequência [pd] na mesma sílaba não é permitida.

Para desmistificar a ideia de que o português rejeita apenas as proparoxítonas, Araújo et al. (2008) afirmam que as oxítonas também podem se transformar em paroxítonas via outros processos (ex. *maracanã* > *maraca*; *sapatão* > *sapata*), e assim nos leva a refletir sobre a predominância dos contextos paroxítonos.

Além da síncope, outra característica fonológica que marca a diferença das proparoxítonas em relação às demais palavras é a extrametricidade ou

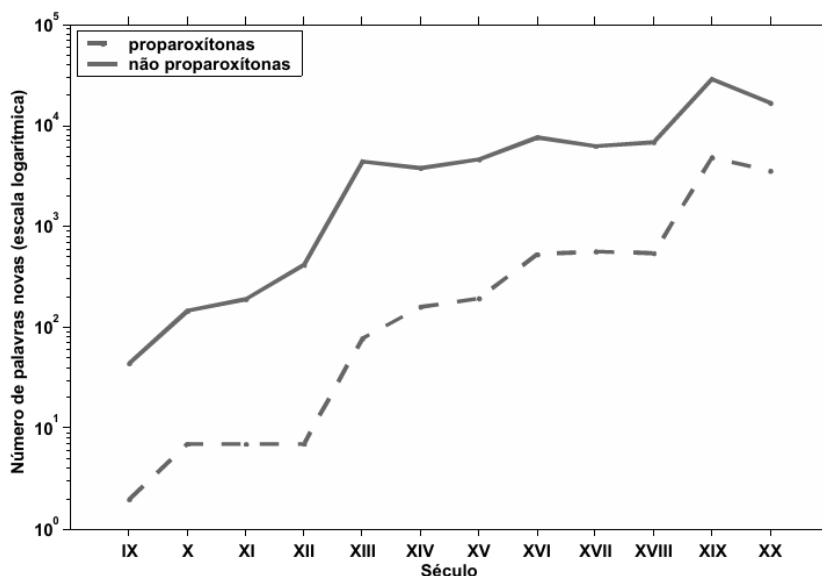
extrametricalidade. Bisol (1992) utiliza o conceito de extrametricidade para explicar a atribuição de acento a essas estruturas. A extrametricidade é baseada em pés métricos, os quais se caracterizam como um conjunto de duas sílabas que ditam o ritmo de uma palavra. Uma sequência extramétrica, portanto, é uma sequência que está além do previsto na estrutura métrica da palavra.

Em palavras paroxítonas, padrão preferencial do português, a borda direita encaixa suas sílabas perfeitamente em pés binários (ex. (**ca**.sa), (bor.bo)(**le**.ta)). Em palavras proparoxítonas, a sílaba acentuada forma um pé com a sílaba ao lado; contudo, há uma sílaba “sobrando” ao final – trata-se da sílaba extramétrica. Assim, a palavra proparoxítona, que no mínimo precisa ter três sílabas, tem a sua sílaba final ignorada na análise (ex. *pa.ra.le.le.pí.pe.do* - (*pa.ra*) > 1° pé - (*le.le*) > 2° pé - (***pí.pe***) > 3° pé - <*do*>).

Por fim, o terceiro argumento para o tratamento de proparoxítonas como exceções é a sua **introdução tardia** na língua. Essa hipótese é utilizada por diversos teóricos para justificar a “rejeição” das proparoxítonas no português brasileiro.

De acordo com Araújo et al. (2008), a data média para a primeira aparição de uma proparoxítona em documentos históricos, baseando-se no Dicionário Houaiss (utilizado para a pesquisa de dados), é 1843, com desvio-padrão de 143 anos. Já a data média de entrada das não proparoxítonas é 1737, com desvio-padrão de 218 anos.

Figura 1 - Evolução temporal de palavras criadas em cada século



Fonte: retirado de Araújo et al. (2008, p. 82)

Apesar das distância entre as duas épocas, a pesquisa apresenta que há um crescimento igualitário de palavras paroxítonas e proparoxítonas no decorrer dos séculos, destacando o XIII, XVI e XIX, como aqueles nos quais foram criadas mais palavras proparoxítonas e não-proparoxítonas. Além disso, Araújo et al. (2008) citam que esse acréscimo de palavras pode se dar pelo aumento também de escolaridade, universidades e avanços tecnológicos, os quais possibilitaram escolarização em massa e mais obras literárias e não-literárias impressas. Assim, Araújo et al. (2008) desconsideram a hipótese de que as proparoxítonas entraram tardiamente na língua portuguesa, visto que, como foi apresentado, novas proparoxítonas e não-proparoxítonas surgem igualmente no decorrer dos séculos.

Assim, compreendemos a necessidade de analisar se esses conceitos ainda são válidos levando em consideração a mudança em progresso que as proparoxítonas vêm sofrendo com as atualidades.

2.2 Sufixos avaliativos em proparoxítonas

A literatura sobre os avaliativos em proparoxítonas presume a predominância da formação de avaliativos com o sufixo *-inh-* devido à preservação do acento marcado (Bisol, 2011) e não aprofunda a variação dos sufixos *-inh-* e *-zinh-* nesse contexto.

Bisol (2011) afirma que “o acento secundário, quando herdado do principal, pode mudar de lugar para evitar choque acentual. A exceção está no grupo das proparoxítonas, que foge ao padrão geral, mostrando um datílico, o qual tende a ser preservado por DIM” (p. 89).

- | | | |
|-----|-------------|---------------------------------------|
| (3) | Base | Deslocamento de acento |
| a. | (ca.fé) | Ocorre - ex. (cà.fe)(zí.nho) |
| b. | (lâm.pa.da) | Não ocorre - ex. (lâm.pa.da.)(zí.nha) |

A respeito dessa variação, a autora sugere duas possibilidades que justificam a escolha do falante pelo sufixo -inh-. A primeira seria de que as proparoxítonas poderiam sofrer o processo de síncope, descrito acima, ajustando-se a um pé troqueu (ex. *abóbora* > *abóbra*), e, tornando-se paroxítonas, poderiam optar pelo sufixo -inh-, mais frequente nesses contextos.

A segunda possibilidade levantada pela autora afirma que as palavras proparoxítonas podem variar entre pé dátilo, de 3 sílabas, e troqueu, de 2, ocasionando apenas a perda da vogal final após a entrada de -inh- (ex. *pêssego* > *pêsseguinho* ~ *pêssegozinho*). Esse processo de perda da vogal final é chamado, por alguns autores, de apócope, um processo fonológico da língua que apaga um ou mais segmentos na sílaba final. A autora afirma que o não uso do -inh- nas proparoxítonas pode ser justificado pela necessidade do falante do PB de evitar a formação e a resolução de um hiato (ex. *música* > **músicainha*).

Por fim, Bisol também acrescenta que “a maioria, todavia, tende a preservar o pé datílico, herdado da palavra base, como *cátedra* - *catedrazinha*, **càtedrínha*, [...] mantendo-se fiel ao acento marcado no input, via acento secundário” (Bisol, 2011, p. 89). Ou seja, dessa forma, a palavra original ficaria preservada ao lado de -zinh- (ex. *córrego* > *còrregozinho*) e sofre alguma perda para que seja possível a entrada de -inh-.

Nossa análise, apresentada nos capítulos 3 e 4, avalia a distribuição de -inh- e -zinh- nas palavras proparoxítonas do LexPorBR-Infantil e considera, nos casos de -inh-, qual das opções apresentadas por Bisol (2011) dá conta de explicar os dados: se a ocorrência de síncope ou o apagamento da vogal final, com mudança do acento secundário.

Santos e Coelho (2008) também comentam o caso em que o -inh- é permitido nas proparoxítonas a partir do processo de síncope na fala e transformação em paroxítonas: “há de se registrar, entretanto, que, na variante não-padrão, é comum o falante transformar a proparoxítona em paroxítona e, nesse caso, a opção é pelo sufixo -inho: “Fulano tá bebinho de tudo” (Santos; Coelho, 2008, p. 153).

Os autores (2008) também afirmam que as palavras polissilábicas e “eruditas” costumam utilizar o sufixo -zinh-, enquanto as palavras mais comuns preferem escolher o -inh- por questão de afinidade (ex. *heterossexual* > *heterossexualzinho*; *abóbora* > *aboborazinha*; *cama* > *caminha*; *folha* > *folhinha*). Dessa forma, considerando a baixa frequência das proparoxítonas no PB e a “estranheza” de seu padrão diante dos falantes, podemos utilizar esse pensamento para refletir se essa escolha de sufixo baseada no tamanho e frequência da palavra contribui para a explicação sobre a distribuição de -inh- e -zinh- nesses contextos.

2.3 Estudo prévio

A primeira etapa de pesquisa sobre -inh- e -zinh- ocorreu a partir de um estudo anterior (Souza et al., em preparação), realizado dentro do projeto Gramática do Português: teoria, análise e ensino, no qual fizemos um levantamento geral de diminutivos no corpus LexPorBR-Infantil (Estivalet et al., 2019), composto por falas de crianças e textos lidos e escritos por crianças, objetivando analisar e entender padrões que expliquem a escolha do falante pelos sufixos -inh- ou -zinh em diversos contextos linguísticos. Antes de descrever os passos da metodologia, vale destacar que a escolha do corpus infantil se deu pelo fato de que as crianças costumam falar de maneira mais fofa e carinhosa, utilizando bastante os sufixos no diminutivo em sua dimensão afetiva.

Fizemos o *download* do corpus inteiro e criamos uma planilha no *Google Sheets*, onde filtramos as palavras que possuíam os sufixos -inh- e -zinh- e excluímos as demais:

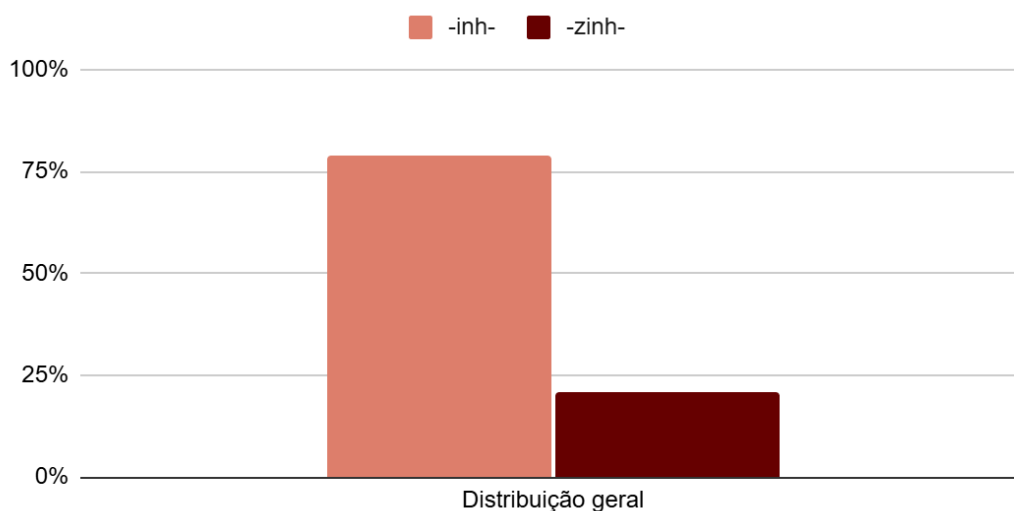
- i) palavras com a sequência -inh- que não eram diminutivos (ex. *caminho*);
- ii) nomes próprios (ex. *luisinho*), por já estarem memorizados;
- iii) palavras que causavam dúvida ao grupo de pesquisa (ex. *joaninha*).

Após essa filtragem, classificamos as 3577 palavras encontradas nos seguintes fatores:

- i) palavra (ex. *maquininha*);
- ii) sufixo (ex. *-inh-*);
- iii) base (ex. *máquina*);
- iv) segmento final da base (ex. *a*);
- v) número de sílabas da base (ex. *3*);
- vi) número do produto (ex. *4*);
- vii) acento da base (ex. *proparoxítona*);
- viii) classe da base (ex. *substantivo*);
- ix) tipo de gênero da base, uniforme ou biforme (ex. *uniforme*);
- x) gênero da base, se feminino ou masculino (ex. *feminino*);
- xi) quantidade de significados (ex. *1*);²
- xii) frequência (ex. *40*).

Classificadas as palavras, obtivemos o resultado geral de que o sufixo *-inh-* é predominante em relação ao *-zinh-*, revelando preferência em 79% (2825/3577) dos casos, resultado esperado de acordo com a literatura sobre o tema.

Gráfico 1 - Distribuição geral de *-inh-* e *-zinh-* (N=3577)



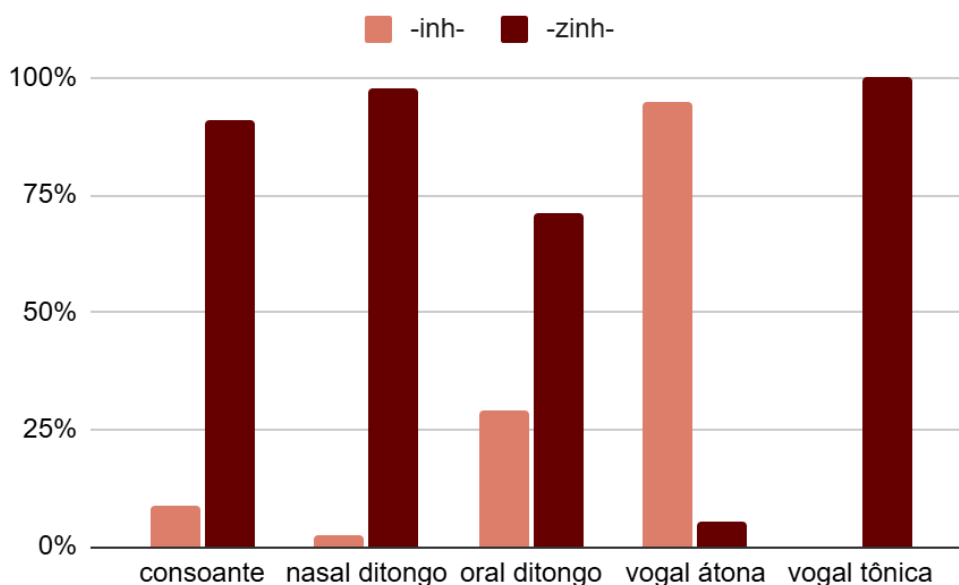
Fonte: Souza et al. (em preparação)

Sobre os aspectos fonológicos, os resultados acerca do segmento final da base nos mostraram que as palavras terminadas em vogal átona têm preferência em 95%

² Posteriormente a análise da quantidade de significados foi deixada de lado, visto que era uma classificação muito subjetiva e nossas opiniões poderiam influenciar no resultado.

(2780/2936) dos casos por -inh- (ex. *virada* > *viradinha*), as terminadas em ditongo oral costumam variar, mas preferem em 71% (37/52) o uso do -zinh- (ex. *pau* > *pauzinho*); além disso, as consoantes seguem pelo mesmo caminho, variam, mas preferem -zinh- em 91% (237/260) dos casos (ex. *flor* > *florzinha*). As palavras que terminam em ditongo nasal e vogal tônica possuem preferência quase total pelo sufixo -zinh-, com 98% (251/257) e 100% (72/72), respectivamente.

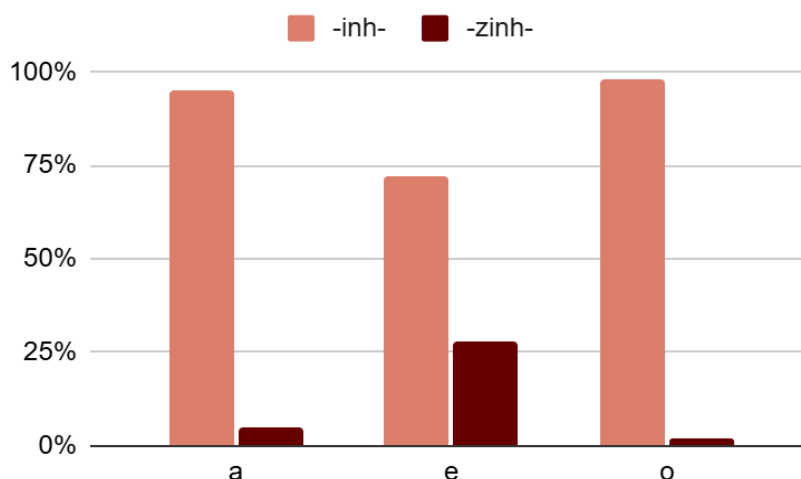
Gráfico 2 - Distribuição de -inh- e -zinh- por segmento final da base (N=3577)



Fonte: Souza et al. (em preparação)

Ainda, podemos ainda desmembrar os resultados para vogal átona (N=2935) e afirmar que -inh- ocorre em 95% (1.462/1.536) nas palavras que terminam em /a/ (ex. *casa* > *casinha*), em 98% (1.160/1.182) nas terminadas em /o/ (ex. *cavalo* > *cavalinho*), e permite variação somente nas palavras terminadas em /e/ (ex. *dente* > *dentinho*, *dentezinho*), com 72% (157/217) optando pelo sufixo -inh- e 28% (60/217) pelo -zinh-, assim como podemos ver no gráfico abaixo.

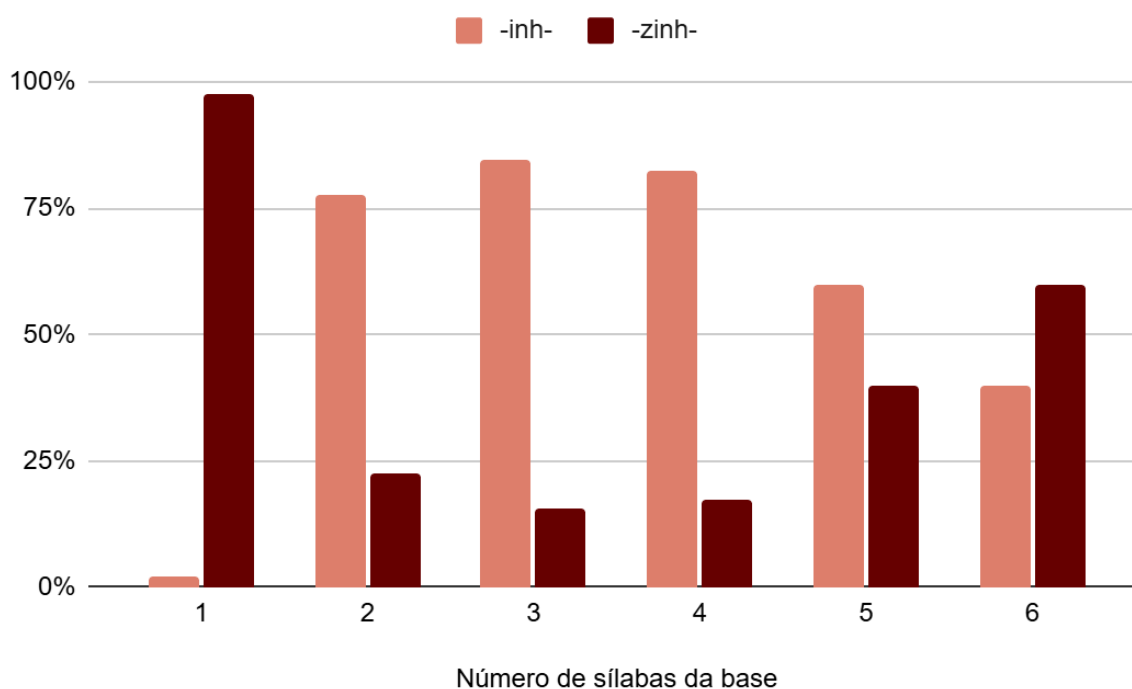
Gráfico 3 - Distribuição de -inh- e -zinh- por vogal átona (N=2935)



Fonte: Souza et al. (em preparação)

Em relação ao número de sílabas da base, vemos que as monossílabas e polissílabas optam por -zinh- (ex. *mel* > *melzinho* / *confraternização* > *confraternizaçãozinha*), em 98% dos casos, respectivamente. A preferência por -zinh- em monossílabas está relacionada à posição do acento, já que a sílaba em questão sempre é tônica; os únicos 2 casos desviantes são *florinha* e *painho*, ambos com frequência 1. Os demais tamanhos revelam preferência por -inh- (ex. *perna* > *perninha* / *cabelo* > *cabelinho*). Além disso, agrupamos os dados por padrão par ou ímpar de sílabas na base, mas ambos os padrões apresentam a mesma preferência por -inh-.

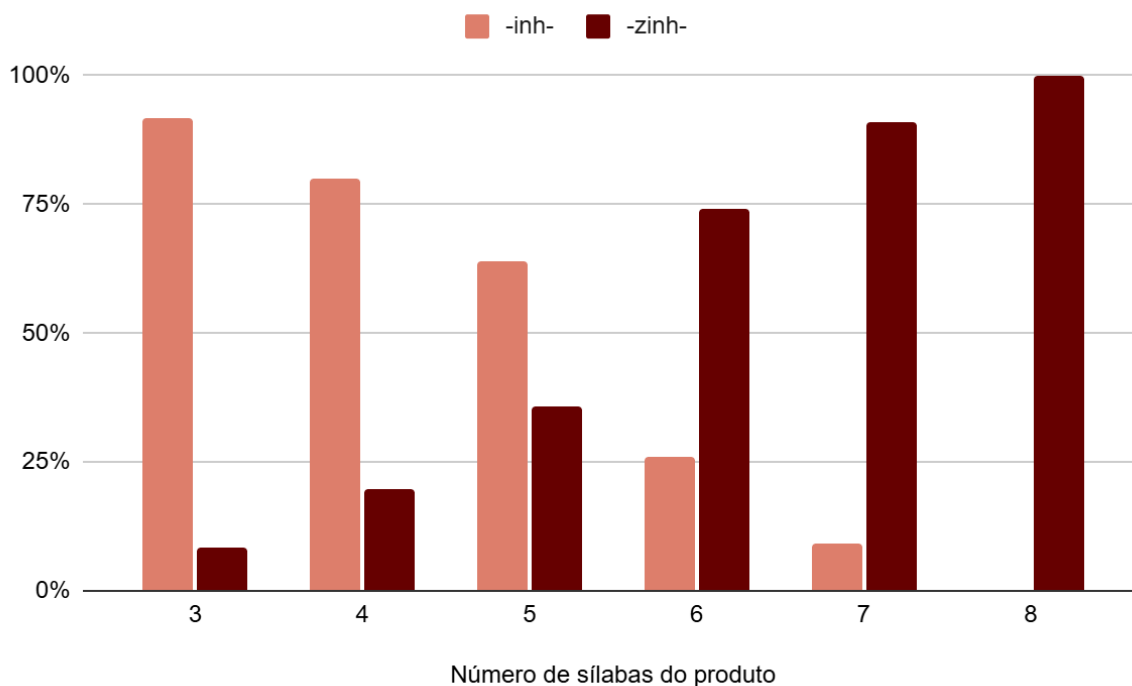
Gráfico 4 - Distribuição de -inh- e -zinh- por número de sílabas da base (N=3577)



Fonte: Souza et al. (em preparação)

Quanto ao número de sílabas do produto, destacamos a tendência de palavras menores ou médias preferirem formações com -inh-, enquanto apenas as palavras mais extensas, com 7 ou 8 sílabas no produto, optam por -zinh-, com 91% (20/22) e 100% (3/3), respectivamente, resultado similar ao anterior. Curiosamente, dentre as 5 maiores bases do corpus, 3 utilizam -zinh-, a saber, *confraternizaçãozinha*, *heterossexualzinho* e *universidadezinha*. Aqui, a sobreposição acontece em relação ao segmento terminal e à tonicidade, já que muitas dessas palavras extensas são terminadas com o sufixo -ção (sempre tônico), por exemplo. Ademais, apontamos para o fato de não haver nenhuma palavra com apenas uma ou duas sílabas no produto, pois, ao acrescentar o sufixo, ela deixa de ser monossílaba (ex: *flor* > *florzinha*, *pai* > *painho*), como é possível ver abaixo.

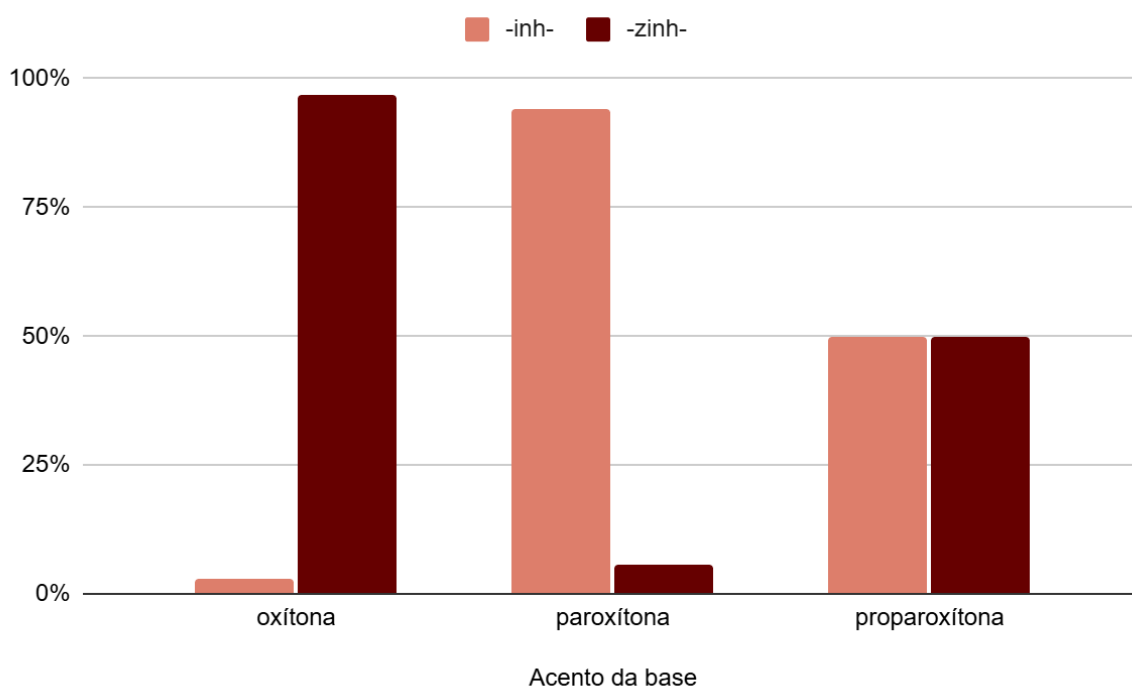
Gráfico 5 - Distribuição de -inh- e -zinh- por número de sílabas do produto (N=3577)



Fonte: Souza et al. (em preparação)

Sobre os resultados obtidos em relação ao acento da base, vimos que 97% (563/581) das palavras oxítonas optam pelo sufixo -zinh- (ex. *café* > *cafezinho*). Essa forte tendência é bastante descrita na literatura. Os poucos dados que aceitam formações com -inh- são terminados por consoante, como *pedal* > *pedalinho*, *colher* > *colherinha*. Entre as paroxítonas, há 94% (2787/2958) de preferência por -inh- (ex. *berço* > *bercinho*). Já as proparoxítonas apresentam equilíbrio, como vemos abaixo.

Gráfico 6 - Distribuição de -inh- e -zinh- por acento da base (N=3577)



Fonte: Souza et al. (em preparação)

As proparoxítonas nos chamaram atenção por apresentarem um equilíbrio de 50% na variação entre -inh- e -zinh- (ex. *lâmpada* > *lampadinha* ~ *lampadazinha*). Após a classificação, percebemos que, das 38 palavras proparoxítonas encontradas no corpus, 50% (19/38) recebiam -inh- e 50% (19/38) recebiam -zinh-, o que vai de encontro com os resultados da literatura sobre o tema. Esse resultado nos levou a questionar sobre uma possível mudança em progresso das proparoxítonas que talvez possa ter levado a esse equilíbrio; além disso, hipotetizamos que a utilização de -inh- surge especialmente por causa da frequência, já que as palavras mais frequentes e cotidianas costumam utilizar -inh-, como no caso de *pássaro* > *passarinho*. Essas questões serão exploradas na Metodologia e nos Resultados.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a metodologia empregada no trabalho, que envolve a retomada dos dados apresentados em Souza et al. (em preparação) e a proposição de novas classificações, a fim de investigarmos o papel da estrutura silábica e da frequência lexical na escolha por -inh- ou -zinh em proparoxítonas.

3.1 LexPorBR-Infantil

O corpus LexPorBr-Infantil (Estivalet et al., 2019), utilizado para a realização da pesquisa, é um banco de dados composto por conteúdos infantis e familiares e é composto por legendas de filmes, séries e desenhos para crianças. A escolha de um corpus infantil se deu pelo motivo de que as crianças possuem um lado mais afetivo e costumam utilizar bastante o diminutivo para se referir às coisas cotidianas (ex: *carrinho/bonequinha*); assim, a análise de um corpus que representa a fala delas foi muito útil para que conseguíssemos dados de pesquisa em grande quantidade.

O LexPorBr possui ao todo 130 milhões de tokens e 190 mil types³. Além disso, ele possui 44 colunas com características lexicais, ortográficas e fonológicas. O corpus encontra-se disponível no site <https://www.lexicodoportugues.com/infantil/>, o qual traz características sobre a ferramenta e disponibiliza o banco de dados, tanto para consulta online, como para download, de forma gratuita.

Na Figura 2, vemos a apresentação do corpus e as instruções para buscas rápidas ou complexas. No caso da presente pesquisa, realizamos o download do banco, o qual foi manipulado no Google Sheets.

³ O número de tokens corresponde a todas as ocorrências registradas no corpus; já o número de types representa o número de padrões distintos, ou seja, o número de palavras diferentes.

Figura 2 - Apresentação do corpus LexPorBR-Infantil

Apresentação

O LexPorBR-Infantil é um léxico de palavras do português brasileiro desenvolvido a partir de legendas de filmes e séries infantis e familiares. Ele foi computado a partir de mais de 130M de palavras token, 190K palavras type e contém 44 colunas de informações lexicais, ortográficas e fonológicas. Todas informações descritas no artigo abaixo.

[LexPorBR-Infantil - Artigo STIL2019](#)

Consulta online

Para pesquisas simples, o link abaixo disponibiliza a versão "clean" do LexPorBR-Infantil para consulta online em ShinyR. As consultas podem ser realizadas a partir da PESQUISA POR PALAVRA através de uma lista de palavras ou da PESQUISA POR CRITÉRIO através do refinamento de critérios de seleção das palavras. A consulta realizada pode ser baixada em formato .csv para ser manipulada no Excel ou R.

[LexPorBR-Infantil - Consulta online](#)

Downloads

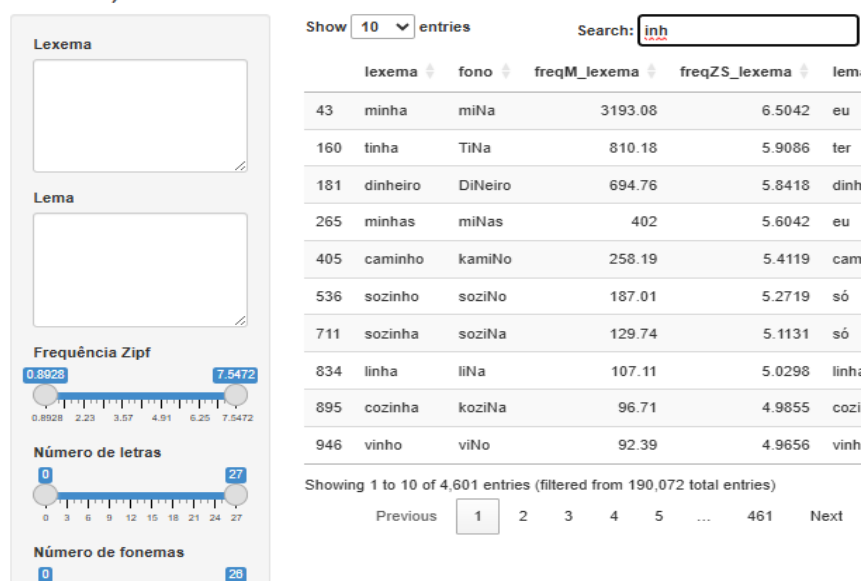
Para pesquisas complexas, sugere-se que seja realizado o download completo da versão "clean" e manipulado no Excel ou R. A versão "clean" possui apenas as palavras atestadas em algum dicionário. A versão "raw" possui todas as palavras da base de dados original de legendas "base". O Script R para a criação do corpus também é disponibilizado abaixo, podendo ser adaptado para outras necessidades.

[* LexPorBR-Infantil - Clean *](#)

Fonte: site do LexPorBr-Infantil (Estivalet et al., 2019)

Já a Figura 3, abaixo, mostra um exemplo de consulta online, a qual serviu para tirar dúvidas sobre outros dados do banco ou sobre fatores não explorados neste trabalho.

Figura 3 - Consulta online do banco de dados LexPorBR-Infantil
 Lexico do Português Brasileiro - Infantil (LexPorBR-Infantil)



Fonte: <https://www.lexicodoportugues.com/infantil/>

Contextualizado o banco de dados, a partir de agora, explicamos o tratamento dado ao corpus formado com dados do LexPorBR-Infantil.

3.2 Seleção e organização dos dados

Para realizar a análise da escolha dos sufixos -inh- e -zinh- nas proparoxítonas, inicialmente retomamos o corpus de 3577 dados, descrito na seção 2.3, cujos dados foram classificados em palavra, sufixo, acento, número de sílabas, classe de palavras, manifestação do gênero (feminino, masculino) e tipo de gênero (uniforme, biforme), entre outros fatores.

Em seguida, realizamos a filtragem dessas 3577 palavras para identificar as 38 proparoxítonas apresentadas no corpus, as quais podem ser visualizadas no quadro abaixo.

Quadro 1 - Lista de palavras proparoxítonas analisadas (N=38)

Proparoxítonas com -inh- ou -zinh-			
aboborinha	chacrinha	musiquinha	princepezinhos
aboborinhas	cocegazinha	musiquinhas	rapidinha

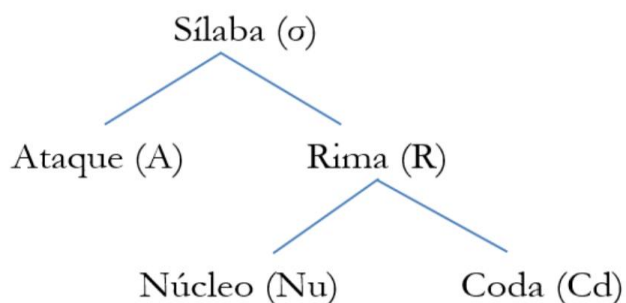
arvorezinha	cocegazinhas	passarinha	rapidinhas
arvorezinhas	fabricazinha	passarinhas	rapidinhos
bebinha ⁴	lampadazinhas	passarinho	viborazinha
bebinho	lampadinha	passarinhos	viscerazinhas
camerazinha	maquinazinha	perolazinhas	xicarazinha
camerazinhas	maquininha	pilulazinha	xicarazinhas
cerebrozinho	maquininhas	pilulazinhas	xicrinha
cerebrozinhos			xicrinhas

Fonte: a autora (2025)

Para esta pesquisa, decidimos por não lematizar os dados, isto é, não agrupar dados flexionados de uma mesma palavra, já que temos, no conjunto analisado, apenas 38 ocorrências. A análise conjunta de formas flexionadas, contudo, será utilizada como argumento em casos específicos.

Após essa etapa, com o objetivo específico de investigar a influência da estrutura da sílaba, mapeamos as 116 sílabas da base (38x3 = 114 + 2 de [a]bóbora e [a]bóboras) em outra planilha no *Google Sheets*. Mapeadas as sílabas, criamos diferentes colunas para ataque, núcleo e coda de cada uma das três sílabas finais, contadas de trás para frente, com base nos pressupostos da Teoria da Sílaba (Selkirk, 1982), que considera que uma sílaba se divide em ataque e rima, e a rima em núcleo e coda, assim como pode ver na imagem abaixo.

Figura 4 - Teoria da Sílaba (Selkirk, 1982)



Fonte: Ribeiro (2019, p. 58)

⁴ Optamos por manter na análise as palavras “bebinha” e “bebinho” com a justificativa de que a base da palavra é uma proparoxítora (*bêbado* > *bebinho*).

Buscando uma classificação de dados mais completa, de acordo com a fala, utilizamos o alfabeto fonológico para realizar a classificação dos segmentos na tabela do *Google Sheets*. A fim de tentar encontrar padrões quanto à estrutura silábica, exploramos também os fatores modo e ponto de articulação dos ataques e altura dos núcleos. Assim, pretendemos investigar se fatores acústico-articulatórios podem contribuir para a alternância entre os sufixos -inh- e -zinh- (*máquina* > *má* > [m] > nasal / bilabial).

Por fim, adicionamos uma coluna que traz a frequência lexical da palavra a partir dos dados do LexPorBR-Infantil para realizar a análise frequencial. Abaixo trazemos a imagem para visualizar a classificação.

Figura 5 - Parte da planilha de classificação fonológica das sílabas

	A	C	D	E	R	T	U	V	W	X	Y	Z	AA	AB	AC	AD	AE
1	palavra	apagamento	sufixo	base	freq_palavr	ataque3	ataque3MOC	ataque3PON1	núcleo3	CLnúcleo3	coda3	ataque2	ataque2MOI	ataque2PON	núcleo2	CLnúcleo2	coda2
2	passarinho	nucleo1	inh	pássaro	1499	p	plosiva	bilabial	a	baixa	NA	s	fricativa	alveolar	a	baixa	NA
3	rapidinha	nucleo1	inh	rápida	420	r	fricativa	velar	a	baixa	NA	p	plosiva	bilabial	i	alta	NA
4	passarinhos	nucleo1	inh	pássaro	327	p	plosiva	bilabial	a	baixa	NA	s	fricativa	alveolar	a	baixa	NA
5	musiquinha	nucleo1	inh	música	146	m	nasal	bilabial	u	alta	NA	z	fricativa	alveolar	i	alta	NA
6	maquininha	nucleo1	inh	máquina	40	m	nasal	bilabial	a	baixa	NA	k	plosiva	velar	i	alta	NA
7	passarinhas	nucleo1	inh	pássaro	30	p	plosiva	bilabial	a	baixa	NA	s	fricativa	alveolar	a	baixa	NA
8	rapidinhas	nucleo1	inh	rápida	30	r	fricativa	velar	a	baixa	NA	p	plosiva	bilabial	i	alta	NA
9	musiquinhas	nucleo1	inh	música	20	m	nasal	bilabial	u	alta	NA	z	fricativa	alveolar	i	alta	NA
10	arvorezinha	NA	zinh	árvore	16	NA	NA	NA	a	baixa	r	v	fricativa	labiodental	o	média-alta	NA

Fonte: a autora (2025)

Por fim, acrescentamos, ainda, uma coluna referente ao segmento que está sendo apagado no caso de entrada do sufixo -inh-, se a vogal medial (síncope) ou a vogal final (apócope). Assim, nossos 38 dados ficaram classificados em:

- i) palavra (ex. *maquininha*);
- ii) apagamento (ex. *núcleo 1 = vogal final*);
- iii) sufixo (ex. *-inh-*);
- iv) base (ex. *máquina*);
- v) frequência da palavra (ex. *40*);
- vi) ataque 3 (ex. */m/*);
- vii) modo de articulação do ataque 3 (ex. *nasal*);
- viii) ponto de articulação do ataque 3 (ex. *bilabial*);
- ix) núcleo 3 (ex. */a/*);
- x) altura do núcleo 3 (ex. *baixa*);
- xi) coda 3 (ex. *NA*⁵);

⁵ NA é a classificação tradicionalmente utilizada em dados linguísticos para “Não se Aplica”.

- xii) ataque 2 (ex. /k/);
- xiii) modo de articulação do ataque 2 (ex. *plosiva*);
- xiv) ponto de articulação do ataque 2 (ex. *velar*);
- xv) núcleo 2 (ex. /i/);
- xvi) altura do núcleo 2 (ex. *alta*);
- xvii) coda 2 (ex. *NA*);
- xviii) ataque 1 (ex. /n/);
- xix) modo de articulação do ataque 1 (ex. *nasal*);
- xx) ponto de articulação do ataque 1 (ex. *alveolar*);
- xxi) núcleo 1 (ex. /a/);
- xxii) altura do núcleo 1 (ex. *baixa*);
- xxiii) coda 1 (ex. *NA*).

A análise das variáveis classificadas será feita a partir de cruzamentos entre o número de ocorrências de -inh- ou -zinh- nessas e nas classificações anteriores, com apresentação dos resultados da estatística descritiva (número de ocorrências e porcentagem) em gráficos e tabelas criados no Google Sheets.

4 RESULTADOS

Neste capítulo apresentaremos e comentaremos os resultados para a distribuição geral dos sufixos -inh- e -zinh- nas proparoxítonas do LexPorBR-Infantil na seção 4.1, bem como os resultados obtidos após realizarmos a análise da estrutura da sílaba, a qual será abordada na seção 4.2 “Análise de estrutura silábica”. Em seguida, na seção 4.3 “Análise de frequência lexical”, traremos os resultados encontrados após analisarmos a influência da frequência das proparoxítonas na utilização de -inh- e -zinh-.

4.1 Distribuição de -inh- e -zinh- nas proparoxítonas analisadas

A distribuição entre os sufixos avaliativos -inh- e -zinh- nas 38 palavras analisadas apresentou uma variação de 50%, ou seja, 19 palavras escolheram -inh- e 19 -zinh-. Este equilíbrio não era previsto na literatura, que apontava para uma frequência muito maior de -zinh- nas proparoxítonas. Abaixo veja o quadro comparativo entre as palavras que optam por cada sufixo.

Quadro 2 - Distribuição geral de -inh- e -zinh- nas proparoxítonas diminutivas do LexPorBR-Infantil

Proparoxítonas com -inh-	Proparoxítonas com -zinh-
aboborinha	arvorezinha
aboborinhas	arvorezinhas
bebinha	camerazinha
bebinho	camerazinhas
chacrinha	cerebrozinho
lampadinha	cerebrozinhos
maquininha	cocegazinha
maquininhas	cocegazinhas
musiquinha	fabricazinha
musiquinhas	lampadazinhas
passarinha	maquinazinha
passarinho	perolazinhas
passarinhas	pilulazinha

passarinhos	pilulazinhas
rapidinha	princezinhos
rapidinhas	viborazinha
rapidinhos	viscerazinhas
xicrinha	xicarazinha
xicrinhas	xicarazinhas

Fonte: a autora (2025)

Após a exploração inicial, verificamos que apenas 3 bases permitiram variação entre os dois sufixos, sendo elas: *lâmpada*, *máquina* e *xícara*.

(4)	Base	-inh-	-zinh-
	lâmpada	lampadinha	lampadazinhas
	máquina	maquininha, maquininhas	maquinazinha
	xícara	xicrinha, xicrinhas	xicarazinha, xicarazinhas

Esses dados nos levaram a criar duas possibilidades de análise: i) ou o português brasileiro está aceitando mais -inh- em proparoxítonas de modo geral, o que precisa ser confirmado em outros bancos e trabalhos experimentais, principalmente com o léxico adulto; ii) ou essa variação é reflexo único do léxico utilizado por e para crianças, que tende a apresentar estruturas mais simples e, com isso, prefere manter um ritmo binário em suas estruturas (ex. *lâmpadínha*, *màquinínha*). Notamos também que, independente do número bruto de frequência, que será analisada na seção 4.3, os dados que permitem -inh- são dados familiares ao mundo infantil.

Na próxima seção, passamos à análise da possível influência da estrutura silábica na escolha do sufixo diminutivo.

4.2 Análise de estrutura silábica

Em relação à análise da estrutura da sílaba, primeiramente destacamos que, das 38 proparoxítonas encontradas, as 19 que preferem -zinh- mantêm a estrutura da

palavra intacta, assim como indicava Bisol (2011), ao afirmar que a utilização de -zinh- serve para preservar a palavra original e, conseqüentemente, o acento marcado (ex. *árvore* > *àrvorezínha*).

Sobre os resultados encontrados acerca do segmento apagado nas palavras que recebem o sufixo -inh-, 14 delas apagam o núcleo 1 (vogal terminal) e 5 apresentam o apagamento do núcleo 2 (vogal medial). Nos 14 casos de apagamento do núcleo 1, nos deparamos com casos de simplificação do ritmo, sem alteração da estrutura interna da palavra, apenas da vogal final: *abóbora* > **aboborainha* > *aboborinha*).

Quadro 3 - Lista de proparoxítonas com -inh- que perdem o núcleo 1

PROPÁROXÍTONAS QUE PERDEM O NÚCLEO 1			
aboborinha	maquininhas	passarinhas	rapidinha
aboborinhas	musiquinha	passarinho	rapidinhas
lampadinha	musiquinhas	passarinhos	rapidinhos
maquininha	passarinha		

Fonte: a autora (2025)

Em relação ao processo de síncope nas proparoxítonas, dentre as 19 palavras que preferem -inh-, encontramos cinco que sofrem este processo, sendo elas: *chácara*, *xícara*, *bêbado* e suas devidas flexões em gênero e número (*bêbada/bêbado*, *xícaras/xícara*).

Quadro 4 - Lista de proparoxítonas com -inh- que perdem o núcleo 2

PROPÁROXÍTONAS QUE PERDEM O NÚCLEO 2				
bebinha	bebinho	chacrinha	xicrinha	xicrinhas

Fonte: a autora (2025)

Nas palavras *chácara* e *xícara*, identificamos como consequência da queda da vogal medial a formação do encontro consonantal [kr], que possibilita a ocorrência da síncope (ex: *xicrinha* e *chacrinha*), e assim comprovamos a ideia de que a síncope não ocorre em qualquer conjunto de consoantes; é preciso uma combinação fonética

possível de acordo com a fonotaxe do português (ex: [br] > *abóbra*). Isso não poderia acontecer com alguns dados do Quadro 3, como *rapdinho ou *lampdinha.

Já a palavra *bêbado*, ao se tornar *bebinho*, nos deixou intrigadas, pois ela possui um apagamento maior de segmentos, podendo perder o núcleo 2 /a/, ataque 1 /d/ e núcleo 1 /o/, apenas para se encaixar no sufixo -inh-.⁶ Dessa forma, a palavra passa por um processo duplo no qual ocorre a síncope da vogal mais o apagamento da última sílaba para ajustar-se ao -inh-. Entretanto, ele ainda preserva a primeira sílaba, mantendo o acento marcado no input, como afirma Bisol (2010, 2011).

Desta maneira, investigamos a proposta de Bisol (2010, 2011) e verificamos que, dentre as palavras formadas por -inh-, é mais comum o apagamento da vogal final do que o da vogal medial. Passemos agora à análise acústico-articulatória dos segmentos envolvidos nesses processos. Para isso, os dados serão agrupados em três categorias: formações com -inh- e apagamento final, formações com -inh- e síncope, formações com -zinh-.

De partida, acreditamos que a sílaba 3 da direita para a esquerda (sílabas acentuada, inicial em grande parte dos dados do corpus) não apresenta relevância na escolha de -inh- ou -zinh-, por não estar diretamente envolvida nos apagamentos. Além disso, ao considerarmos as sílabas 2 (medial) e 1 (final), optamos pela análise do modo de articulação apenas, já que casos de ressilabação dependem unicamente do modo, e não especificamente do ponto de articulação (cf. seção 2.1).

Em relação à sílaba 2, a sílaba medial da base, analisamos se o modo de articulação do ataque 2 influencia na escolha dos falantes. Os resultados referentes aos dados de -inh- que apagam N2 (síncope), aos dados de -inh- que apagam N1 (apócope) e aos dados de -zinh- podem ser vistos no Quadro 5.

Quadro 5 - Cruzamento entre modo de articulação do ataque 2 e seleção de -inh- ou -zinh-

Modo de articulação do ataque 2	-inh- e síncope (N2)	-inh- e apócope (N1)	-zinh-	Total
Plosiva ex. ví <u>b</u> ora	5	8	5	18
Fricativa	0	6	6	12

⁶ Como comentado no capítulo 2, Santos e Coelho (2008) também classificam os casos de *bebinho* e *bebinha* como síncope. Quando encontramos esta palavra no corpus ficamos em dúvida acerca da sua relevância para o estudo, entretanto após discussões optamos por mantê-la, pois apesar de sofrer uma síncope dupla ela preserva a base “beb-” da palavra *bêbado*.

ex. pá <u>ss</u> aro				
Nasal ex. câ <u>m</u> era	0	0	2	2
Lateral ex. pí <u>l</u> ula	0	0	2	2
Tepe ex. pé <u>r</u> ola	0	0	4	4

Fonte: a autora (2025)

Como podemos perceber no Quadro acima, temos no corpus 18 palavras que possuem consoantes plosivas no ataque 2 (ex. *víbora*). Esses dados se dividem em 5 palavras que optam pelo sufixo -inh- e sofrem de síncope de N2 (segunda vogal > ex. *chacrinha*), 5 que escolhem a formação com o sufixo -zinh- (ex. *maguinazinha*) e 8 que preferem -inh- com apagamento da vogal final (ex. *aboborinha*). Dessa forma, vemos que as três opções são possíveis, não havendo nenhum padrão altamente preferencial que indique que as plosivas estejam influenciando na escolha dos falantes por um ou outro sufixo. Mesmo em casos em que a síncope seria possível, reduzindo a palavra a um padrão paroxítono, isso não ocorre. Um cruzamento entre esses dados e sua frequência lexical, explorada na próxima seção, pode vir a trazer respostas.

Em relação às fricativas do mesmo contexto, possuímos 12 dados e nenhum deles permite a síncope da segunda vogal (N2). Isto pode se dar pelo motivo de que em nossos dados não há palavras que causem um bom encontro consonantal quando apagamos o N2 da segunda sílaba (ex. *musiquinha* > **musquinha*). Esses contextos parecem também não aceitar que a fricativa fique em posição de coda da sílaba inicial. Assim, encontramos dois padrões possíveis quando visualizamos que as fricativas possuem 6 palavras terminadas em -zinh- (ex. *coçegazinhas*), totalmente preservadoras da estrutura, e 6 terminadas em -inh- que apagam a vogal final (N1) (ex. *passarinho*).

As palavras que possuem laterais, tepes e nasais na segunda sílaba não permitem síncope, pois não conseguiriam se unir à consoante seguinte na posição de ataque (ex. *cerbrozinho*, *pilllazinha*, *cammrazinha*), nem parecem ser aceitas na

posição de coda da sílaba anterior, assim, resultando em uma totalidade de palavras que preferem o sufixo -zinh- (ex. fabricazinha).

Assim como a sílaba 2, optamos por investigar se a sílaba 1, a sílaba final da base, pode influenciar na escolha do falante na escolha de -inh- e -zinh-. A distribuição dos contextos está representada no Quadro abaixo.

Quadro 6 - Cruzamento entre modo de articulação do ataque 1 e seleção de -inh- ou -zinh-

Modo de articulação do ataque 1	-inh- e síncope (N2)	-inh- e apócope (N1)	-zinh-	Total
Plosiva ex. <u>bé</u> bado	2	6	5	13
Fricativa —	0	0	0	0
Nasal ex. <u>maqui</u> ninha	0	2	1	3
Lateral ex. <u>pé</u> rolas	0	0	3	3
Tepe ex. <u>vísc</u> eras	3	6	10	19

Fonte: a autora (2025)

Como mostra no Quadro acima, temos 13 casos em que aparece uma plosiva no ataque da sílaba final: 2 optam por -inh- e sofrem de síncope na N2 (ex. bebinho, bebinha), 6 também preferem -inh- mas apagam o N1 (ex. rapidinha > *rapidainha); além disso, as outras 6 palavras optam por -zinh- (ex. fabricazinha). Pela diversidade da distribuição, parece não haver influência desse contexto.

Sobre as fricativas destacamos que não há dados sobre nenhuma consoante fricativa na última sílaba da palavra. Já as nasais possuem dois dados que permitem -inh- com apagamento do núcleo 1 /a/ (ex. maquininha, maquinhas > *maquinainha), e 1 dado que apresenta -zinh- (ex. maquinazinha).

Em relação às laterais percebemos que as 3 que aparecem no corpus utilizam -zinh- e não sofrem de nenhum apagamento (ex. pilulazinha > *pilulinha, *pilulainha). Sobre o tepe, existem 19 casos de palavras em que ele se encontra na sílaba 1. Primeiramente destacamos que ele tem uma grande preferência por -zinh- com 10 dados aparentes no corpus (ex. arvorezinha); entretanto também há possibilidade de

formações com -inh-, desde que apague alguma parte da sílaba: das 9 palavras que possuem o tepe na sílaba final e optam por -inh-, 3 delas sofrem de síncope do núcleo 2 /a/ (ex. *xícrinha / xícrinhas / chacrinha) e as outras 6 palavras sofrem de síncope do núcleo 1 /a/ (ex. *passarrinho > *passarranho). Esse caso chama atenção, dado que o tepe na última sílaba seria o contexto mais favorecedor para os casos de síncope; ainda assim, dentre os três padrões, ele é o menos frequente. Nossos dados do léxico infantil parecem estar revelando preferência por casos de apócope em relação à síncope.**

Considerando o que foi analisado, concluímos que a estrutura silábica da palavra não parece dar conta, sozinha, das escolhas que influenciam na variação do falante. Embora percebamos que há algumas preferências por -zinh- para manter a estrutura intacta da palavra, ao mesmo tempo há contextos onde são permissíveis o uso do -inh-, quando apagada a N1 (apócope). Os casos de síncope são os menos frequentes, mesmo quando a fonotaxe do português permitiria o apagamento da vogal medial. Dessa forma, seguimos investigando os 38 dados proparoxítonos para entender se os resultados da frequência lexical podem atuar juntamente à estrutura da sílaba para influenciar na escolha do falante por um ou outro sufixo; assim, a depender dos resultados de frequência, podemos cogitar uma atuação múltipla de fatores.

4.3 Análise de frequência lexical

Os resultados acerca da influência da frequência lexical na escolha dos sufixos avaliativos nos levaram a diversas discussões. Embora os teóricos afirmem que o sufixo -zinh- é o mais frequente de modo geral no léxico do português, em relação às proparoxítonas, ao realizar a análise da frequência lexical identificamos uma grande presença do sufixo -inh- logo no início da tabela, organizada por ordem decrescente de frequência. Entre as primeiras 8 palavras mais frequentes do corpus, todas utilizam -inh-, com valores de frequência muito superiores aos demais. O Quadro abaixo reúne a lista de palavras analisadas e o sufixo utilizado em sua formação, com sua respectiva frequência, em ordem decrescente.

Quadro 7 - Lista de palavras proparoxítonas analisadas de acordo com a frequência

PALAVRA	SUFIXO	FREQUÊNCIA
passarinho	-inh-	1499
rapidinha	-inh-	420
passarinhos	-inh-	327
musiquinha	-inh-	146
maquininha	-inh-	40
passarinha	-inh-	30
rapidinhas	-inh-	30
musiquinhas	-inh-	20
arvorezinha	-zinh-	16
chacrinha	-inh-	12
maquininhas	-inh-	12
cerebrozinho	-zinh-	10
arvorezinhas	-zinh-	8
passarinhas	-inh-	8
pilulazinhas	-zinh-	8
camerazinha	-zinh-	7
viborazinha	-zinh-	7
aboborinha	-inh-	5
pilulazinha	-zinh-	5
bebinha	-inh-	3
bebinho	-inh-	2
camerazinhas	-zinh-	2
lampadinha	-inh-	2
maquinazinha	-zinh-	2
princepezinhos	-zinh-	2
rapidinhos	-inh-	2

xicrinhas	-inh-	2
aboborinhas	-inh-	1
cerebrozinhos	-zinh-	1
cocegazinha	-zinh-	1
cocegazinhas	-zinh-	1
fabricazinha	-zinh-	1
lampadazinhas	-zinh-	1
perolazinhas	-zinh-	1
viscerazinhas	-zinh-	1
xicarazinha	-zinh-	1
xicarazinhas	-zinh-	1
xicrinha	-inh-	1

Fonte: a autora (2025)

Como mencionado anteriormente, impressiona o fato de que é o sufixo -inh- que está presente no topo da lista de frequência das palavras proparoxítonas. A palavra *passarinho* > 1499 fq, em sua forma masculina e singular, inclusive, apresenta número de tokens muito superior às demais palavras. Esse resultado vai ao contrário do que aponta a literatura sobre o tema, pois as palavras com -zinh- aparecem em formações com pouca frequência, como visto no quadro acima.

Desse modo, destacamos que o -zinh- segue parecendo ser o geral, pois ele pode entrar em qualquer base proparoxítona (ex. *música* > *musicazinha*), mas, quando a palavra é do cotidiano, muito utilizada, parece passar a aceitar -inh- com apagamento da vogal final (ex. *musiquinha*) para simplificar a estrutura ou manter o ritmo binário (ritmo preferencial do português).

Além disso, quando investigamos a mesma palavra, mas com diferentes sufixos, podemos perceber que, embora algumas palavras possuem variação entre os dois sufixos, a ocorrência com o sufixo -inh- segue tendo um número maior de ocorrências (ex. *maquininha* > 40 fq / *maquinazinha* > 2 fq). Abaixo apresentaremos um quadro com as palavras que possuem mesma base e suas diferentes frequências, a fim de entender melhor essa investigação.

Quadro 8 - Frequência de palavras que alternam entre -inh- e -zinh-

BASE	SUFIXO -INH-	FREQUÊNCIA	SUFIXO -ZINH-	FREQUÊNCIA
lâmpada	lampadinha	2	lampadazinhas	1
máquina	maquininha	40	maquinazinha	2
máquina	maquininhas	12		
xícara	xicrinha	1	xicarazinha	1
xícara	xicrinhas	2	xicarazinhas	1

Fonte: a autora (2025)

Buscando uma tentativa de explicar o porquê de -inh- ser mais frequente mesmo em palavras com bases iguais, inicialmente observamos que o fato de termos alguns dados no plural pode estar influenciando para que haja menor frequência de -zinh-. Entretanto, logo descartamos a hipótese pois percebemos que, mesmo no plural, a palavra *maquininhas* (12 fq.), ainda assim é mais frequente que *maquinazinha* (2 fq.); o mesmo ocorre com *xicrinhas* (fq.2) e *xicarazinhas* (fq.1) mesmo pluralizadas. As únicas palavras igualitárias são *xicrinha* e *xicarazinha*, que possuem frequência igual de “1”. Vemos, assim, a garantia da boa formação com -zinh- ao lado da preferência por -inh- em dados de maior frequência.

Para complementar o raciocínio aqui desenvolvido, pensamos também em dados que não estão no corpus, e que possivelmente também sejam menos frequentes na língua (ex. vômito). Parece haver mesmo uma restrição quanto ao uso de -inh- nessas proparoxítonas de baixa frequência, mesmo todas permitindo o apagamento da vogal final.

(5)	Base	-inh-	-zinh-
	almôndega	?almondeguinha	almondegazinha
	século	?seclinho	seculozinho
	sílaba	?silabinha	silabazinha
	tarântula	?tarantulinha	tarantulazinha
	vômito	?vomitinho	vomitozinho

Além da aparente rejeição ao -inh- em certas estruturas de proparoxítonas, na lista acima também podemos observar que, embora algumas palavras tenham estrutura silábica similar, quando adicionados os dois tipos de sufixos, um deles causa certa estranheza: este é o caso da palavra *século* que não se torna **seclinho*, enquanto *óculos* pode ser *oculozinhos*, mas também *oclinhos*, com o mesmo encontro consonantal sendo formado. Dessa forma, acreditamos que a frequência esteja influenciando nesses casos, ou seja, com estruturas parecidas, porém frequências diferentes agindo sobre o sufixo, a informação sobre frequência parece ser mais determinante.

Ademais, da mesma maneira que a frequência pode influenciar na escolha do sufixo, analisamos o fato de que existem palavras que “não combinam” semanticamente com diminutivos, como por exemplo a palavra *século*. Nesse caso, o uso de -zinh- é permitido, por ser a forma padrão da língua, mas o de -inh- não (**seclinho*). Algo parecido ocorre com a palavra *cônjuge*, pois quando acrescentado o sufixo diminutivo torna-se *?conjuginho* ou *?conjugezinho*, e aparentemente nenhum dos dois apresenta harmonia na fala.

Considerando o que foi analisado sobre a frequência lexical, podemos concluir que, embora haja variação entre os sufixos, notamos que existe uma possível mudança em progresso em relação à frequência das proparoxítonas, que está moldando a preferência dos falantes, ou seja, quanto mais a palavra é usada no dia a dia, mais ela passará a aceitar formações com -inh-, assim como salientam Santos e Coelho (2008) quando afirmam que o sufixo -inh- se adequa em palavras mais frequentes no nosso vocabulário por questão de “afinidade”.

Por fim, retomamos cada um dos tipos de apagamentos e acrescentamos a informação sobre frequência lexical, com o objetivo de unificar as explicações. Abaixo o Quadro apresenta as palavras de cada padrão em ordem decrescente de frequência.

Quadro 9 - Cruzamento entre sufixo, segmento apagado e frequência lexical

-inh- e síncope (N2)	-inh- e apagamento final (N1)	-zinh-
5 dados	14 dados	19 dados
chacrinha (12) bebinha (3) bebinho (2) xicrinhas (2) xicrinha (1)	passarinho (1499) rapidinha (420) passarinhos (327) musiquinha (146) maquininha (40) passarinha (30) rapidinhas (30) musiquinhas (20) maquininhas (12) passarinhas (8) aboborinha (5) lampadinha (2) rapidinhos (2) aboborinhas (1)	arvorezinha (16) cerebrozinho (10) arvorezinhas (8) pilulazinhas (8) camerazinha (7) viborazinha (7) pilulazinha (5) camerazinhas (2) maquinazinha (2) príncipezinhos (2) cerebrozinhos (1) cocegazinha (1) cocegazinhas (1) fabricazinha (1) lampadazinhas (1) perolazinhas (1) viscerazinhas (1) xicarazinha (1) xicarazinhas (1)

Fonte: a autora (2025)

Os resultados parecem confirmar nossa intuição entre o cruzamento dos fatores, visto que os dados mais frequentes estão na coluna do meio, com uso de -inh- e apagamento da vogal final da base. Na seção anterior, analisando apenas a estrutura silábica, vimos que, mesmo em casos em que a síncope seria possível, reduzindo a palavra a um padrão paroxítono, isso não ocorria. Agora, podemos imaginar que estrutura silábica e frequência atuam juntas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou da distribuição de -inh- e -zinh- em palavras proparoxítonas e teve como objetivo principal investigar a variação entre esses sufixos avaliativos nas palavras proparoxítonas (ex. *xícara* > *xícrinha* ~ *xicarizinha*) a partir de informações sobre estrutura silábica e frequência. O estudo foi motivado por resultados de pesquisa anterior (Souza et al., em preparação), que apontaram para uma distribuição igualitária, enquanto a literatura sugere o massivo predomínio de -zinh- em palavras com esse padrão fonológico.

A fim de investigar os fatores por trás da distribuição igualitária, analisamos a estrutura das sílabas (ataque, núcleo, coda) e a frequência lexical das proparoxítonas, buscando, assim, entender se esses aspectos influenciam na escolha do falante em relação aos sufixos -inh- e -zinh-.

Como resposta à questão norteadora “qual é o papel da estrutura silábica e da frequência na variação entre -inh- e -zinh- em proparoxítonas?”, podemos afirmar que a frequência parece ser mais relevante do que estrutura silábica.

Os resultados quanto à estrutura silábica mostram que as informações sobre modo de articulação sozinhas não são capazes de responder pela influência na escolha dos sufixos avaliativos nos falantes do português brasileiro. Nossas análises deram conta de mostrar o predomínio de -zinh- em casos em que a síncope não seria possível no PB; contudo, não parece haver explicações fonotáticas para a variação entre uso de -inh- e apócope (ex. *passarinho*) e uso de -zinh- (ex. *passarozinho*).

Já os resultados para a variável frequência revelam que, embora haja uma variação entre os dois sufixos, as palavras mais frequentes do corpus formado por proparoxítonas optam em grande medida pelo sufixo -inh-, oportunizando uma estrutura rítmica mais simples. É possível que fatores contextuais estejam em jogo, como o padrão acentual da palavra anterior ou da palavra posterior. Essas informações, contudo, não estavam disponíveis no banco de dados aqui utilizado. Assim, de modo geral, percebemos, em relação à literatura, um progresso na utilização de palavras proparoxítonas que molda diretamente a escolha dos falantes: quanto mais frequente a palavra, mais os falantes parecem aceitar e utilizar o sufixo -inh-.

Com o desenvolvimento da pesquisa, consideramos cumpridos os objetivos de classificar as proparoxítonas quanto à estrutura silábica, discutir os efeitos da

estrutura silábica na variação dos avaliativos, classificar as proparoxítonas quanto à frequência e discutir os efeitos de frequência lexical na variação dos avaliativos, cumprindo também com o objetivo geral de investigar o papel da estrutura silábica e da frequência lexical na escolha dos sufixos avaliativos -inh-/-zinh- em proparoxítonas.

O trabalho contribui para a área de estudos em fonologia por explorar uma variação pouco descrita na literatura, que traz os casos de variação em proparoxítonas em notas de rodapé ou breves comentários. Mostramos que dados do cotidiano infantil têm permitido o uso de -inh-, respeitando os padrões fonotáticos do português.

Como possíveis falhas, apontamos para o fato de termos um baixo número de dados, pois como utilizamos um corpus de fala infantil nos limitamos a analisar apenas um pequeno recorte que não contempla o falar do Brasil inteiro. Outros fatores faltantes que poderiam influenciar nos resultados seriam a lematização, que uniria formas flexionadas da mesma palavra, e o contexto frasal, dado não fornecido pelo banco de dados analisado. Possíveis etapas futuras de trabalho poderiam contemplar a exploração de um corpus maior, com dados de adultos, ou então a aplicação de um experimento para verificar as escolhas dos falantes com pseudopalavras proparoxítonas. Esses dados poderiam corroborar os achados na análise deste TCC.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. A.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O.; OLIVEIRA, L.; VIARO, M. E. Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 1, p. 69-90, 2008.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 22, Campinas, 1992, p. 68 - 80.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *Revista Delta*, v. 26 n. 1, p. 59 – 85, 2010.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas, uma versão revisitada. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, edição especial n. 5, p. 80 - 98, 2011.
- ESTIVALET, G.; HARTMANN, N. S.; MAQUIAFAVEL, V.; LUKASOVA, K.; CARTHERY-GOULART, M. T.; ALUÍSIO, S. M. LexPorBR-Infantil: uma base lexical tripartida e com interface Web de textos ouvidos, produzidos, e lidos por crianças. *Anais XII Symposium in Information and Human Language Technology and Collocates Events*. Porto Alegre: SBC, 2019.
- LEE, S-H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1995.
- RIBEIRO, M. Sequências consonânticas problemáticas do português: intuições nativas acerca das fronteiras silábicas dentro de sequências consonânticas marcadas do português. *ElingUP: Revista eletrônica de linguística dos Estudantes da Universidade do Porto*, v. 8, n. 1, 2019
- SANTOS, A. G. dos; COELHO, S. M. Uma reflexão acerca do emprego do sufixo diminutivo no português do Brasil. *Revista Alpha*, Pato de Minas, v. 9, n. 9, p. 149-157, nov. 2008.
- SELKIRK, E. *The Syllable*. In: HULST, H.; SMITH, V. The structure of phonological representations. Foris, Dordrecht, 1982.
- SOUZA. É. da S.; RODRIGUES, N. A. O.; PEREIRA, D. V.; ULRICH, C. W. Distribuição dos sufixos avaliativos -inh-/-zinh- no LexPorBR-Infantil: aspectos morfológicos e fonológicos. Em preparação.
- VIARO, Mário Eduardo; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio O. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas portuguesas. *Estudos Linguísticos*, v. 36, n. 1, p. 27-36, 2007.